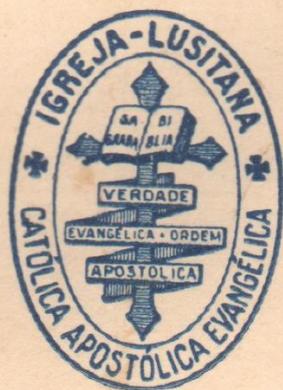


Ecclesia



Abril de 1949

Ano 1.º

N.º 2

IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

CONGREGAÇÕES E MISSÕES

- LISBOA** Igreja Lusitana de S. Pedro—Largo das Taipas
Igreja Lusitana de S. Paulo—“Marianos”—Rua das Janelas Verdes
Igreja Lusitana de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)
- P O R T O** Igreja Lusitana do Redentor—R. do Visconde de Bóbeda e R. do Barão de S. Cosme, 223
- VILA NOVA DE GAIA** Igreja Lusitana de S. João Evangelista—Torne
Igreja Lusitana do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas
Igreja Lusitana do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal
Igreja Lusitana de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro
- SETUBAL** Igreja Lusitana do Espírito Santo—Bairro Salgado
- ALCACER DO SAL** Igreja Lusitana de Cristo Remidor
- E V O R A** Missão Evangélica dos Mártires da Fé—Beco do Chantre
- CAMPANHÃ** (Porto) Missão Evangélica de Santo Estevão—R. do Azevedo
- VALBOM** (Gondomar) Missão Evangélica de Santiago Apóstolo—Largo da Arroteia
- A M O R A** (Seixal) Missão Evangélica de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

SÍNODO DIOCESANO DA IGREJA

Presidente :

Rev. António Ferreira Fiandor
Residência: Torne—Vila Nova de Gaia

Secretários:

Rev. António Pinto Ribeiro Júnior (no Sul)
Rev. Agostinho Ferreira Arbiol (no Norte)

Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa
Rev. José Pereira Martins
Rev. Armando Pereira de Araújo
Rev. José Maria Leite Bonaparte
Rev. Augusto Nogueira

(Um representante secular de cada uma das Congregações a cargo dos Presbíteros do Sínodo).

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA

⋮

Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

P O R T O

	Assinatura	Venda avulso
Império Português	20\$00	6\$00
Países Estrangeiros	26\$00	7\$50

⋮

Assinatura anual — 4 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos ministros da Igreja Lusitana.

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º Dto. - LISBOA --Tel. 70722

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Avenida da República, 1118 --VILA NOVA DE GAIA

Primavera e Páscoa

"...e foi a tarde e foi a manhã..."

Génesis 1 passim.

EIS a formação dos dias na maneira bíblica: primeiro a tarde e depois a manhã. Eis a ordem lógica dos acontecimentos: primeiro a tarde sombria, o silêncio e a vida oculta das raízes e dos óvulos, a penumbra da preparação, da substrutura, da incubação; o balbuceio, a singeleza, do projecto gizado, do plano proposto; a posição atenta do corredor. Depois a vida estridente, a luz e a côr da eclosão, da superstrutura, da obra nítida e evidente, da corrida para o alvo.

Na vida dos verbos temos primeiro **augurar** e depois **inaugurar**. Na vida da Natureza temos primeiro a desolação do Inverno e depois o alegre despertar da Primavera. Na história do amor divino, vem primeiro a preparação do Reino e a Paixão da Cruz; depois a Aleluia da Esperança e a Glória da Ressurreição. No drama da alma humana temos primeiro a compunção do arrependimento e depois a "novidade da vida" e a "vida abundante", pelas energias do Ressuscitado.

Falemos então do Ressuscitado, e da Primavera da alma, que com Ele desabrocha!

O Calendário da Igreja Primitiva, venerável pela sequênciade dezassete séculos, tornou infixa a data da Páscoa Cristã, que deixou de coincidir com a judaica, mas sempre lhe fica próxima. Uma e outra espreitam a Primavera. A morte do Cordeiro é acompanhada pelo despertar da Natureza.

O Cordeiro já não é o mero símbolo da passagem do Anjo da Morte pela terra despótica do Egipto, poupando as casas cujo limiar foi rociado pelo sangue da vítima. Agora é a figura do Homem Sublime, tabernáculo do Pai Celeste, "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". A antiga vítima era renovada anualmente e multiplicada por inúmeros lares. A Nova Vítima é sempre a mesma; Seu sacrifício é único; e multiplicada é a Sua graça em miríades de corações.

SUMÁRIO DO N.º 2

Primavera e Páscoa	1
Reminiscências e Perspectivas	2
Síntese: A Mulher na Bíblia	4
Lauda Poética: Getsemane	6
Gil Vicente e a Bíblia	8
No Átrio: Comemorações	9
Na Nave: Dois Lavacros	9
Florilégio da Oração	10
Saudade (Letra e música)	11
A Investidura de Truman	12
No Lar: Alberto Durer	13
O Casamento e Anedotário	15
Forum	16
O Livro e os Livros	16

SÃO passados cinco meses desde que em Roma se reuniu

o 1.º Congresso Internacional da Reforma Religiosa na Itália. Foi organizado

por indivíduos provenientes das mais diversas escolas cristãs e que procuraram inutilmente uma sala neutra para sede. Por fim reuniram numa das salas da Igreja Metodista Unida e puderam registar um certo êxito. Não nos permite o espaço de que dispomos neste número dar uma nota substancial da estrutura e das conclusões do congresso, mas não nos dispensamos de o fazer mais tarde, acompanhando o relato de algumas considerações sobre esse interessante povo que hoje oscila entre a crença nos milagres da Madona dos Anjos, fazendo vénias na sua estátua de pedra, do peso de várias toneladas, e a crença em Marx e no milagre da perfeição social pela abolição das liberdades pessoais.

Aguardamos novas notícias sobre o encerramento da Igreja Católica Apostólica Brasileira e o recurso interposto pelos seus patronos, os prof. drs. Luiz Carpenter e Benjamim de Moraes Filho. Baste-nos por agora dizer que D. Carlos Duarte, bispo de Maura, está seguro da vitória, e que muitas instituições e personalidades cristãs, mesmo em discordância com alguns dos usos daquela Igreja, têm manifestado o seu apreço e simpatia por ela, na perseguição sofrida.

Chamam a nossa atenção para uma descuidada local do "Diário de Notícias" de 9 de Janeiro, em que se afirma, e ilustra pela fotografia, que um casal norte-americano foi legalmente unido por um **pastor protestante** de quatro anos de idade! Que quaisquer leis não indaguem da idade do celebrante dum casamento, admitimos lógicamente, mas que haja alguma congregação cristã de gente sã e sisuda que ordene crianças, a não ser no caso já muito remoto dos cardeais-crianças da Igreja de Roma, recusamo-nos a acreditar.

Chamaram também a nossa atenção para o passo dum discurso de uma senhora portuguesa (como nós, aliás) a propósito de certos agravos que ela afirmou terem sido feitos à imagem de

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Fátima—passo que se refere ao facto de se ter pedido na África do Sul que essa imagem "desse a honra de entrar numa das catedrais anglicanas". E pergun-

tam-nos, com incredulidade, se isso terá sido verdade. Só podemos afirmar em resposta que é impossível a cristãos não idólatras tomar uma tal atitude. E se os que têm a responsabilidade dum templo cristão reformado desejassem receber um ídolo qualquer, trairiam o espírito da Reforma, o que o mesmo é dizer, do Primitivismo Cristão, e revelariam menos nobreza que os católicos romanos, coerentes afinal com a marcha da sua história e o desenvolvimento dos seus dogmas. Note o leitor que não estamos ofendendo a crença de quem quer que seja, nem faltando ao respeito da suave figura da Bem-Aventurada Maria, que nada tem que ver de essencial com qualquer imagem ou qualquer invocação fantasiosa.

Vai reunir-se em Lisboa, na segunda metade deste mês, o XVI Congresso Internacional de História da Arte. A propósito desse importante acontecimento queremos recordar que mais de uma vez temos defendido a ideia da inventariação da nossa riqueza nacional de iconografia bíblica e do seu estudo. Seria essa uma das bases do conhecimento do **ethos** religioso de Portugal e do contacto do nosso povo com a Bíblia.

Dois terços da população do mundo não têm ainda possibilidade de adquirir uma Bíblia sequer. Como há tanto para fazer apesar de tanto já ter sido feito! Dir-se-á que o mundo está à beira de grandes perigos e não poderá pensar nesse problema, mau grado a sua magnitude. Pois vale a pena considerar então, que quando, em 1804, foi fundada a primeira Sociedade Bíblica, preparava-se Napoleão, sagrado imperador pelo papa Pio VII, para invadir a Grã-Bretanha! Agradecemos a Deus o facto de a língua portuguesa ser uma das 185 que possuem a versão inteira das Escrituras Sagradas e oremos para que se acrescentem, apesar das preocupações mundiais, muitos mais idiomas e dialectos aos 1095 que já possuem algum evangelho ou outro fragmento bíblico.

“Unum Corpus”, porta-voz da Confederação Evangélica do Brasil, de Dezembro de 48, o último que recebemos, traz, em dezasseis linhas, uma pequenina notícia acerca de Portugal. É tão invulgar que a apagada e humilde vida eclesiástica reformada do nosso país mereça atenção, que nos regozijamos com o facto, tanto mais que na notícia se contém uma útil exortação aos dirigentes da Obra portuguesa.

Em fins do ano passado o Vaticano condenou por “excesso de materialismo” o filósofo existencialista João Paulo Sartre e pôs no Expurgatório os seus livros. A propósito, P. Thévenaz em “La Vie Protestante” notava com muita graça que será permitido inquirir qual é a medida de materialismo que não seja heresia. Depois, muito a sério, perguntava: “porque há ateus e materialistas? Uma só e única resposta é possível ao cristão, acrescenta: por causa da insuficiência da **minha** fé, porque **eu** não tenho feito a **minha** vida e o **meu** pensamento testemunhar bastante da verdade de Cristo. Se há ateus é porque não somos verdadeiramente cristãos. A existência dos ateus é a própria condenação, a mais nítida e humilhante, da nossa falta de fé, o barómetro mais seguro das nossas fraquezas. Por outro lado, diz ainda o mesmo autor, todas as filosofias valem o mesmo aos olhos de Deus, pois não há mérito nas nossas congeminações, que jámais podem substituir a mensagem da Cruz.

Sete espécies de morte, diz uma comissão de médicos e técnicos norte-americanos, produz a bomba atómica. Até parece um símbolo do pecado, que produz a morte do homem como ser físico, como ser social, e como ser mental, como membro da família, da sociedade humana e da Igreja, e como filho de Deus, destinado de início à obediência aqui e à bem-aventurança além.

“O Sol”, de 29 de Janeiro, transcrevia do famoso escritor católico romano Jaques Maritain este pensamento de mestre: “A democracia surge na história como uma manifestação temporal de inspiração evangélica. Os homens de Estado sabem-no bem, e não é sem razão que em defesa da democracia eles invocam o Sermão da Mon-

tanha”. É muito de lastimar, acrescentaremos nós, que haja estadistas cristãos tão arredados da fonte do Cristianismo, a ponto de esquecer a dignidade da pessoa humana, pelo Evangelho proclamada. Oremos por eles.

O Brasil vai erigir uma estátua a Rui Barbosa, numa das principais praças da sua Capital Federal. Grande dívida a grande Nação vai pagar! Discute-se agora se Rui se retratou do que escreveu no longo e belo prefácio ao livro de von Doellinger “O Papa e o Concílio”. Seu genro, ultramontano militante, como se infere do que escreve, afirma essa retratação, o que nos traz ao pensamento o que S. Paulo escreveu aos Gálatas: “Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu anuncie outro evangelho além do que vos tenho anunciado, seja anátema” (1:8) Andrade Ferreira (in “Unitas”, de Outubro de 48), num bem deduzido artigo, ao manifestar o seu receio de que os esforços ultramontanos consigam que o governo brasileiro deixe de reeditar a obra referida, cujos direitos autorais comprou, pergunta: “Poderia o próprio Rui Barbosa refuta-la?... Nem Rui, com a erudição da sua velhice, poderia destruir os factos, fartamente acumulados no ardor da sua mocidade”. Lembremos nós que aos quarenta e nove anos narrava o Mestre do pensamento e da expressão brasílicos, em carta ao seu amigo Jacobina, datada de 2 de Abril de 1898, faz agora precisamente meio século: “Nunca senti pelas vilanias humanas mais enjões e pela sorte de nossa terra mais desânimo. Felizmente a fé em Deus se me vai acendendo, à medida que se me apaga a confiança nos homens. No meio de tantos desconfortos e iniquidades tenho-me entregado à leitura do Evangelho, a eterna consolação dos malferidos nos grandes naufrágios. Uma excelente edição, que eu trouxera comigo, do livro divino, permitiu-me este recurso reanimador, graças ao qual me sinto, em certos momentos, como que ressuscitar, capaz de ainda servir para alguma coisa aos meus semelhantes”. (“O Cristão” de 30-IV-46). Viveu ainda vinte e cinco utilíssimos anos, não desmentindo o pensamento sadio que nesta carta se revela.

Pierino Gamba, o prodigioso maestro de onze anos, fez delirar não só os melómanos de sempre como até o outro povo, de Lisboa, Porto e Coimbra,

que ama a música fácil, pois outra não entende. Todos sentiam que havia ali algo de inexplicável, desse inexplicável que fez dizer a um dos maiores sábios criadores de hoje - em - dia, quando ouviu um dos maiores virtuosos do violino (por sinal, o sábio e o músico, ambos judeus de raça) que isso dava à sua alma a mais alta medida da existência de Deus.

As nossas colónias do Oriente Extremo têm estado na ordem do dia, devido às convulsões sofridas no Indostão e na China, esses dois colossos de mistério, de vez em quando levemente **arranhados** pelas unhas frágeis da nossa literatura. Ponhamo-nos nós também a pensar em Macau e nos fragmentos hindus do Império de Albuquerque. Sabe o leitor que o hino n.º 353 (S. e H.) foi feito em Macau, e que lá demora o túmulo de Roberto Morrison, o primeiro missionário evangélico à China? Não podemos da Índia Portuguesa apresentar equivalentes relíquias. Mas podemos, a propósito dela, desejar que um dia se eleve em Goa um monumento expiatório dos Portugueses aos "Cristãos de S. Tomé" queimados em holocausto sacrílego ao Grande Libertador (João 8:36), por não reconhecerem como chefe universal o Bispo de Roma. E estamos certos que há em Portugal católicos romanos que apoiariam esta iniciativa.

Antes do Primaz romano da Hungria fora ali preso o bispo luterano Ordass. Em Novembro de 1948 se protestou contra tal prisão, e depois mais nada ouvimos a esse respeito, cá por estes lados. Agora chega a notícia da prisão de cerca de um terço de todos os pastores evangélicos bulgaros, que, como o primaz católico romano, se diz que "confessaram" pretensos crimes de espionagem e de mercado negro. Começam-se a desvendar certos segredos de diabólica química que, a serem verdadeiros, tiram desde agora todo o significado a quaisquer confissões. Seria a morte da democracia, baseada no respeito, num mínimo de respeito, ao menos, pela pessoa humana e pela opinião pública. Como se poderá esta orientar em regimes policiais, que manipulam confissões? Deus nos acuda.

Temos razões para crer que à Cruz Vermelha Portuguesa, actualmente, não interessará fazer correr em Portugal o filme "De homem para homens", extraído do livro de T. Geisendorf "Sessenta anos de recordações", onde se evoca a vida fecundíssima de Henrique Dunant, o cristão reformado suíço que fundou a Cruz Vermelha internacional e foi também um dos fundadores da União Cristã da Mocidade na sua Pátria, sociedade bem cristã desde os seus primeiros dias, e onde ele trabalhou desde os 25 anos de idade. É um dos grandes modelos da juventude cristã.

S Í N T E S E

A

mulher na bíblia

■

Se a condição da mulher nos povos selvagens, geralmente animistas, e mesmo nalguns povos de cultura pagã, foi, durante milénios, quase sempre de sórdida inferioridade, e o é ainda hoje, o mesmo se não pode dizer do povo hebraico. A mulher, nos escritos sagrados dos hebreus, não é a fêmea desdenhada, mera escrava do lar, elemento social nulo, como alguns escritores menos avisadamente têm afirmado. Ao narrar-nos a primeira promessa profética, chamada "Proto-Evangelho", em Génesis 3:15, Moisés apresenta-nos na mulher a colaboradora de Deus na luta com a serpente, emblema vivo do mal subreptício. Eva é a "Mãe dos viventes", companheira escutada de Adão, que com ele ombeira e a quem ele chama "homina" (Génesis 2:23). A Ada e a Sela vai o primeiro bígamo, Lameque, confidenciar a sua tragédia, no mais velho poema bíblico; Sara, "a Princesa", partilha com Abraão a promessa a ambos feita de serem os ancestrados dum povo eleito, e a própria escrava, Agar, protagonista dum drama de família que através dos séculos se tem repetido, é expulsa com Ismael

seu filho, mas o anjo de Eloim não a desampara no deserto. Esse drama tem tres actos: a vaidade estulta da escrava e a consequente rivalidade; o castigo cruel para restabelecer a harmonia doméstica; e a mãe que da angústia revive para a dedicação corajosa. O friso feminino continua com vultos claros e escuros. A mulher e as filhas de Loth são o exemplo da influência dum meio deletério sobre a sensibilidade e fragilidade da mulher. A medida que se desenvolve o ideal messiânico, cada donzela hebreia pergunta-se se virá ela a ser a Mãe do Messias. A função materna adquire admirável prestígio. Isaac, órfão de mãe, sonha com uma esposa, e o criado, do mando de Abraão, a busca na Mesopotâmia; e Rebeca aparece-nos como um modelo de intuição feminina, quando responde ao convite do parente distante: "Irei". Mais tarde, mãe de filhos, é amargurada pelas noras e cai numa fatal predilecção pelo filho mais caseiro; casos estes que nos parecem vividos agora. Cresce a galeria, com Lia e Raquel, que forneceram a Camões o assunto, no episódio do casamento de Jacob com ambas, dum dos mais belos sonetos que na nossa lingua se tem escrito: "Sete anos de pastor Jacob servia..." A cupidez de Labão, dirá alguém que é semita, pelo costume, não de muito critério, mas é de notar que o hebreu aí é vítima; e vítimas e vitimadores dessa laia têm-os produzido todos os povos. Dina, a filha de Jacob, seduzida por um príncipe estrangeiro que a ama e quer resgatar a falta, é a causa involuntária, como tantas, dum vingança desleal e covarde. A história maravilhosa de José no Egipto, oscila entre duas mulheres, uma adúltera impudica e caluniadora a que ele resiste com perfeito exemplo de cavalheirismo, nem sempre compreendido, e a donzela da mais alta estirpe que se torna mãe feliz de dois patriarcas palestinos. Moisés é o menino que deve o seu escapamento da sanha racista à astúcia de Jocabede, sua mãe, e de Miriam, sua irmã, assim como à ternura misericordiosa da filha do Faraó. Séfora, sua mulher, como a mulher de Job, é um tipo da incompreensão que certos génios têm encontrado no lar, sejam Socrates ou Tobias, Palissy ou Carey. Bem menos conhecidas são as cinco filhas de Salfaade que, na orfandade, defenderam a sua causa tão sàbiamente que essa defesa foi motivo dum desenvolvimento legal, comprovando por um real exemplo o respeito da mulher em Israel. E continua a longa teoria, que somente

apontamos: Racabe, a estalajadeira de mau nome, que, com Rute, a estrangeira humilde, e Tamar, a viuva astuta e leviana, constitui o trio das únicas mulheres referidas na genealogia de Jesus Cristo; Acsa, a filha de Caleb, que se serve do poder das lágrimas para aumentar o seu património... Na marcha dos séculos, em pleno período dos Juizes, vem Jael, matando com astúcia e crueza inauditas o general inimigo do seu povo, e Débora, regendo o povo e cantando, à sombra dum palmeira, a Jeová, o Deus de Israel, e os feitos da astuta Jael. São ainda da era bárbara dos Juizes a filha de Jefté, que alguns têm identificado com Efigénia da Aulida, cujo sacrificio immortalizou Eurípedes; a Tinatita, mulher de Sansão, e Dalila, a traidora amante, ambas elas as mães da espionagem, vampiros da força de Sansão; Rute e Noémia, as duas personagens dum dos mais belos dramas bucólicos da antiguidade, símbolos dum amizade unvida de graça. Rute virá a ser bisavó do rei David e a mãe comum de gentios e judeus. No período de transição para a monarquia surge Ana, a mãe de Samuel, filho ansiado e prometido a Jeová, depois da longa e triste esterilidade. O cântico de Ana, de gratidão pela maternidade concedida, é matriz inspiradora do canto de Maria, que o evangelista Lucas registaria. No período dos primeiros reis aparece Micol, filha de Saul e mulher de David, criatura insignificante, que se ri do marido quando este dança diante da Arca sagrada, mas que, todavia, por um estratagemma bem feminino, salvou a vida dele; Abigail que por sua sageza vence a cólera de David e, uma vez viuva, lhe conquista o amor; a formosa Betsabé, causa involuntária do maior crime desse rei; e Abisag, a virgem que assistiu com o seu carinho de esposa platónica à senilidade de David. Uma segunda Tamar é citada, filha de David, vítima inocente da paixão incestuosa de seu irmão Amon; a mulher de Técuá e a da cidade de Abela são ainda tipos bem representativos, a primeira reunindo a sua natural astúcia ao conselho do general Joab, para levar David a perdoar a seu filho rebelde, a segunda conseguindo poupar a cidade ao castigo de Joab, convencendo o seu povo a entregar o causador do cêrco pôsto. Resfa, uma das viúvas de Saul, é mãe desolada que poderia inspirar muitos artistas. No reinado de Salomão, antes das esposas pagãs terem transornado o seu coração decrépito, há o célebre episódio das duas mães, em que, pelo seu juízo

são, fundado em profunda compreensão do coração humano, ordena que se parta ao meio uma criança disputada por duas mulheres de má vida e, quando uma prefere perder a criança a vê-la trucidada, reconhece que é essa a mãe verdadeira. Continua a longa teoria com a viuva de Sarepta, símbolo admirável de generosidade; Jesabel, a perseguidora dos profetas, que ficou símbolo de perfídia e de crueldade; a Sunamita, tipo perfeito da mulher hebreia, no tempo de Eliseu, factor excelente duma sociedade feliz; a jovem escrava de Naaman, o general sírio, que na sua humildade foi um instrumento de bênção; Atalia a rainha infame, que inspirou, assim como Ester, a salvadora do seu povo em Babilónia, o famoso João Racine. E com a profetiza Holda se encerra o período protocanónico do Velho Testamento. Nos livros de piedade heleno-hebraica, posteriores a esse período, vem Ana, a mulher de Tobias, que o ajuda na sua cegueira, mas não participa da paciência do pobre cego; e Judite, a famosa degoladora de Holofernes, é outra inspiradora de poetas e pintores, assim como a casta Suzana e a corajosa mãe dos Macabeus. Na dispensação evangélica avulta Maria, a Bemaventurada Virgem, escrínio de virtudes; ainda na infância de Jesus, Isabel, a mãe do Baptista, e depois Ana, a serva do Templo, ambas profetizando a maravilha da Encarnação. No início do ministério de Cristo, as figuras tão inteligentemente humanas da Samaritana, da sogra de S. Pedro, da Hemorroíssa e da Cananeia, esta que inspirou a Gil Vicente versos de imortal singeleza. Há depois tres mulheres, que tradições recentes têm identificado, sem razão evidente: Maria de Madalo, Maria de Betânia e uma mulher perdida que, como a irmã de Marta em outra circunstância, ungiu Jesus de bálsamo precioso. O conhecido episódio de Marta e Maria apresenta-nos os dois aspectos do character feminino, o activo e o contemplativo. A Madalena, com outras mulheres ricas, auxilia com seus meios a obra missionária do Mestre, nos anos em que ele deixa a profissão para anunciar o Reino de Deus. A Samaritana e a Madalena, assim como a mulher adúltera com cujo caso os fariseus tentaram Cristo, talvez mais do que quaisquer outras mulheres referidas nos Evangelhos têm desafiado o estro e o engenho de numerosos astistas líricos e plásticos; mas são figuras de encanto, também, a Viuva de Naim com suas lágrimas, a Pobre Viuva, que, no Templo, deu para os pobres "tudo

quanto tinha", e Maria de Zebedeu, que com seu ingénuo egoísmo materno sonha a glória de seus filhos... Herodias odienta e cruel, e Salomé, o seu inconsciente instrumento, inspiraram Oscar Wilde, e a mulher de Pilatos a Henrique Siemkiewicz, como a Madalena a Maeterlink e a Samaritana a Rostand. A galeria do tempo apostólico é pequena mas ilustre: Lídia a Purpurária, Priscila a Tecelã, sempre citada a par do marido; Dorcas ou Tabita, a mãe dos pobres; a hospitaleira mãe de Rufo, "e de S. Paulo" no seu dizer gentil; Maria de Roma e Febe, as diaconizas pioneiras; Trifena e Trifosa, as primas de Nero; Júnia "distinguida entre os apóstolos"; Pérsida, "a que muito trabalhou". E na sombra, confrontando tanta luz, a incestuosa Berenice, que inspirou o robusto talento de Racine.

LAUDA POÉTICA GETSEMANE

*A luz põe manchas de prata nas folhas do olivedo.
Luz de luar, luz de paz, luz de silêncio,
Luz de luz, finamente joieirada, decantada,
Feita de tudo e de nada...
Uma oliveira velha, a mãe anosa
Das outras companheiras,
De peito descarnado e costas carcomidas,
Parece-me dizer por suas línguas, que são mil folhas
ponteiras:
Lembras o velho apólogo das árvores
Contado por Jotão, como se fora um hino,
E transmitido pelo Autor Divino?
"Disseram elas: — Reina sobre nós..."
Fiz bem em rejeitar a realeza
Das árvores do bosque e do pomar.
Fiz bem em rejeitar;
P'ra ser agora o rústico docel,
Alpendre de poética rudeza, do doce Emanuel!
Ei-lo que vem, num passo lento,
O Santo de Israel, de Isai raiz e rebento,
O Filho de David, o Anjo, o Verbo Creador,
Admirável Conselheiro,
Forte de Deus, Pai dos Séculos,
O Príncipe da Paz, o Salvador,
Mestre dos Homens, de fulgor etéreo!*

Então,

Eis que rompem a penumbra e quebram a solidão,
Quatro vultos de mistério.
Um se destaca. E sozinho,
Atravessando o caminho, vem prostrar-se em oração
Debaixo da oliveira.
Parece que esta se dobra sobre a augusta cabeleira!

Jesus dissera aos pávidos confrades:

"A minh'alma está submersa numa tristeza mortal.
Enquanto eu invoco o Pai, é mister que não vos vades.
Ficai aqui; vigiai".

As copas prateadas do olivedo
Formam silente e místico portal.
Ouve-se perto do Cedrão a água.
Aquem os três discípulos — tão cedo! —
Dormitam já, vencidos pela mágua.

"Meu Pai! — diz Jesus — se pode ser..."

Um Pai Eterno de um Eterno Filho
Se revela por boca do Messias
Em pulcras sinfonias.
Pai! Gerador supremo de universos!
Aba, Pai! Eis o estribilho
Do salmo magéstoso cujos versos
São astros, são nebulias, são galáxias
Cuja existência nem sequer sonhamos...
Fonte de Amor — ó Pai,
Vaso de Amor — ó Filho,
O vosso amor se expande e se eterniza
Nos abismos da vida, donde sai,
A ponto de Ele, o Filho, nos dizer
A verdade profunda desta guisa:
"Ide a meu Pai e Deus, e vosso Deus e Pai!"

"Se pode ser..."

Mas que há, Senhor, que seja um impossível
Oferecido à Tua Omnipotência?
Existirá um ser ou força, ao nível
Do Teu poder?
Quem fará face a Deus senão Deus mesmo?
Só Deus - amor enfrenta Deus - justiça.
Justiça... Amor... e quem divide, ó Deus,
As facetas do mesmo diamante,
Os milénios do mesmo eterno instante?
Justiça sem amor — inconcebível!
Amor sem rectidão — voz sem sentido!
Em Deus tudo se encontra e se harmoniza.
Sem Ele, nada tem perfeito arranjo:
Penedo ou brisa,
Átomo ou monstro ou energia ou anjo.
Um "ditelismo" tão maravilhoso
Quem ousará? não ousa

Eu defini-lo, nem in imo peito,
Mas a enunciá-lo não resisto.
A vontade do homem se rendia
À vontade de Deus, no mesmo Cristo,
No mesmo plano...
Segredo que eu mal pressinto,
Mistério transcendente, sobrehumano!
"Passe de mim este cálix".

A história dos Evangelhos é um cálix e uma cruz.
Tão próximo... e tão distante!
Uma taça de agonia, um patíbulo infamante.
Não era prazer a morte, não o era o sofrimento,
Nem a maldição, enfim:
Prazer era o amor constante, esse amor de cada instante,
Esse amor que não tem fim!
"Não se faça, contudo, o que eu desejo,
"Mas só Tua vontade seja feita".
Eis a lição suprema da Vontade
Que humilde se bifurca e se contempla,
Numa prece!
Que com fios de fé urde a esperança,
E com fios de fé o amor nos tece!
Eu desejo, Senhor, não desejar
Senão o que Tu queres.
Desejo porque vivo; e não desejo, porque sem Ti não
vivo, meu Senhor.

Querer - não - querer, em mim, é vida intensa,
Vida integrada em Ti, no Teu amor!

Gorgolejando trenos, de penedo em penedo,
A Cedrão corre lenta, lentamente;
E o doce luar reflecte nas folhinhas
De setim prateado, do olivedo,
A sua luz silente,
A luz que é um gemido.
Ó Horto de Agonia do Deus-Homem,
Lagar de Azeite do Eterno Ungido:
A minh'alma rendida, enfim, Te sente,
Getsemane!

A brisa é uma prece, o luar é um gemido...
A Cedrão corre lenta, lentamente.

*

Getsemane, a saber: "lagar de azeite"...
Senhor! Opera em mim um getsemane,
Onde os frutos colhidos com esforço,
Com ânsia, com cuidados, com enlevo,
Se triturem, se esmaguem,
E onde eu com eles me angustie e gema,
Eu, um fruto também da mesma vida,
Eu, pensamento e alma, amor e força,
Eu, que labuto e aspiro,

*Eu, pobre irmão dos brutos e das rochas,
Eu, milionário feliz de sentimentos
Que se não guardam numa caixa forte
Nem têm curso nas bolsas e nos bancos!
Nas horas sossegadas e silêntes,
Quando me encontro a sós comigo mesmo
E já não sou fragmento esquirolado,
Mas sou um todo que em si sente a espécie
E quer seu UM, p'ra ser alguma coisa,
É quando a prensa desce, é quando a angústia sobe,
É quando o óleo exsuda, Getsemane!*

*Já nesse óleo recebo a minha crisma,
Já sou irmão do Ungido!
Remido no Calvário
Tenho a visão retrospectiva, ó Cristo,
Do teu misterioso Getsemane.*

1949.

Eudaro Carmelino.

A PROPÓSITO DE A ERUDIÇÃO BÍBLICA EM PORTUGAL

Gil Vicente e a Bíblia

ÉIS uma coisa que em nosso país quase não existe — a erudição bíblica — porque a maior parte dos nossos católicos bíblicos não são eruditos e a quase totalidade dos nossos eruditos não é versada na Bíblia.

Provas? Podemos encontrar muitas, unhando livros que formos lendo, principalmente dos autores que sucederam a pleiade romântica, onde se, agigantaram um Herculano, um Garrett, um Antero, um João de Deus, um Soares de Passos, conhecedores deliciados das Escrituras.

Os que lhes sucederam, mostram e até alardeiam um desconhecimento confrangedor do Livro Mestre da civilização de que eram filhos, civilização que sempre acertou quando se inspirou nele e sempre errou quando esqueceu as suas puras doutrinas.

Mas isso é outro assunto, para outra oportunidade. Agora, vejamos o "Glossário e Notas" que o Dr. Mendes dos Remédios apôs às "Obras de Gil Vicente" que reviu, prefaciou e publicou em 1914. A propósito da palavra "nível", que ocorre várias vezes nos textos gilvicentinos, diz o A. citado:

"...E também no **Auto da Cananeia** um sentido difícil de interpretar:

*Cristo: Eu não fui cá enviado
Por piedoso nível
Senão socorrer o gado
Das ovelhas de Israel".*

(Ob. cit. tomo III, p. 388).

Para aquele erudito era difícil de interpretar o que qualquer leitor da Sagrada Escritura, medianamente versado nela, logo recordará, no incidente da Cananeia, em S. Mateus, 15, versos 21 a 28. No versículo 24 estão as palavras do Divino Mestre ditas à mulher que das bandas de Tiro e de Sidon O procurou para lhe pedir que lhe curasse a filha possessa: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel".

Admira que o meticoloso anotador de Gil Vicente, crítico honesto e historiador que deixou uma obra respeitada, não tivesse lido previamente o texto dos Evangelhos sobre o qual Mestre Gil delineou o seu Auto. Mas o que particularmente queremos aqui notar é que o incidente é muito popular entre nós, evangélicos, e a frase focada assunto básico para o conhecimento dum ponto essencial do Plano da Salvação:

- 1, O Messias fora prometido a Israel, e a Israel veio, pois Deus, fonte de amor e de justiça, promete por amor e cumpre em justiça;
- 2, A promessa a Israel fazia parte do plano educativo dum povo missionário do monoteísmo pleno e da espiritualidade divina, no meio dum mundo entregue a fórmulas tendentes a um sensualismo absorvente e ao panteísmo estagnador, fossem essas fórmulas animistas ou politeístas;
- 3, O facto de a Omnisciência divina conhecer a rejeição de Israel antes de esta se haver dado (na sucessão dos tempos, segundo o conceito humano) não invalida o facto de o Evangelho ser **primeiramente** prégado aos Judeus (Romanos 2:9 e 10, etc.) e em seguida aos Gentios; tendo o próprio Senhor iniciado a Obra na Palestina, só raramente se ter aproximado das fronteiras, mas ordenando que a pregação fosse feita a começar por Jerusalém e toda a Judeia, Galileia e Samaria, "até às extremidades da terra";
- 4, A rejeição de Israel não **inutilizou** nem **criou** o plano da salvação. Israel convertido teria sido o povo missionário. Israel contumaz foi um instrumento involuntário da evangelização, pelos elementos convertidos que levaram a Boa Nova a Roma e a outros pontos do Império, e pelos elementos dispersos e não cristãos que, levando o uso da língua grega a toda a parte, facilitaram a difusão da Palavra escrita nessa língua, antes da árdua tarefa das versões, com inapreciável vantagem.

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE

10 de Abril: Domingo de Ramos (S. Mateus 21:1 a 11)

14 de Abril: Quinta-feira Santa (S. Mateus 26:26 e 36 a 46)

15 de Abril: Sexta-feira de Paixão (S. João cap. 18 e 19)

17 de Abril: Domingo de Páscoa (1.ª aos Coríntios 15)

25 de Abril: S. Marcos Evangelista (Actos 12:12 e 25)

1 de Maio: S. Filipe e Santiago Apóstolos (S. Mateus 10:5)

22 de Maio: Domingo das Rogações (S. Mateus 9:37 e 38)

26 de Maio: Ascensão (Actos dos Apóstolos 1:9 a 12)

5 de Junho: Pentecostes (Actos dos Apóstolos 2)

11 de Junho: S. Barnabé (Actos 4:36 e 37; 9:27; 11:19 a 24)

12 de Junho: SS. Trindade (S. Mateus 28:19, 1.º Pedro 1:2)

24 de Junho: S. João Baptista (S. Lucas 1:5 a 25)

29 de Junho: S. Pedro (S. João 21:15 a 23)

NO ÁTRIO

(Salmo 96:8)



Dia das Mães

O segundo Domingo de Maio é festejado por muitos, na Cristandade Evangélica, como o "Dia das Mães". Nasceu esta comovedora comemoração do amor materno, da iniciativa, em 1913, duma jovem órfã norte-americana, de nome Ana Jarvis. Woodrow Wilson, o grande presidente, veio a apadrinhar a iniciativa no ano seguinte, decretando oficialmente a sua observância nos Estados Unidos. Sem carácter oficial, as Escolas Dominicais de muitos países promovem desde então uma pequena festa de gratidão às mães, em que há hinos apropriados, recitativos, beijos, lágrimas e rosas.

Comemorações Nacionais

A 3 de Maio festeja-se o descobrimento do Brasil e a 10 de Junho recorda-se o Príncipe dos Poetas Portugueses, Luís de Camões. Estes dois temas — o Brasil e Camões — são os maiores da nossa Nacionalidade. Ao grande Poeta devemos a obra que tem sido apelidada "Epopéia do Esforço Humano", e à terra abençoada do Brasil devemos a oportunidade que nos deu, uma demonstração prática do que pode um pequeno povo, acicatado pela pobreza do solo natal, educado na perpétua contemplação dos mares que lhe beijam as praias, estimulado pelas tradições maravilhosas dos avós, unido na defesa contínua do seu lar que os vizinhos cobiçam.

NA NAVE



(S. Mateus 18:20)

Dois Lavacros

"... começou a lavar os pés aos discípulos..."

S. João 13:5

"... lavou as mãos diante da multidão"

S. Mateus 27:24

AS lancinantes cenas que precederam o julgamento de Jesus Cristo, Nosso Senhor e Mestre, decorrem entre dois lavacros, cujo confronto é utilíssimo, pois além das lições que cada um nos dá **de per si** resultam novas lições de precioso significado quando as confrontamos.

Primeiro lavacro: Nosso Senhor, "deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido". E porque fez Ele isto? Eis o texto que nos responde: "Jesus, sabendo que o Pai tudo pusera nas Suas mãos, e que saíra de Deus e ia para Deus..." (S. João 13:3).

Que admirável lição, a deste primeiro lavacro da Santa Semana! As mãos do Homem que reconheceu ter saído de Deus e que para Deus voltava, pela porta da Cruz, antes de na cruz serem essas mãos pregadas por nós, no sacrifício remidor, a nós nos serviram em humildade.

"Se queres ver o vilão, mete-lhe a vara na mão", diz o ditado popular. E nós acrescentaremos, como em flagrante

contraste: Se queres ver a Excelsa Humanidade contempla as mãos que sopesam o poder total dos mundos.

De um lado, vemos pigmeu que se põe nos bicos dos pés, e esquece a sua pequenez, quando encontrou monção do predomínio na esfera restrita em que vegeta. Do outro, o Gigante que mais se engrandece quanto mais se apequena em serviço e em amor.

Todo aquele que um dia se viu com a responsabilidade do mando ou o mandato da direcção e interpretou esse mandato e essa responsabilidade como uma ordem de serviço de utilidade geral ou de benefício de outrem, aproximou-se de Aquele que a inconsciência de Pilatos apelidou tão justamente de — o Homem. Homem, com maiúscula, chamou Isabel a **Católica** ao nosso D. João II, e de facto este rei foi um Homem porque serviu; e serviu com efeito porque era — Homem! E contudo, a que distância o vemos do Rei dos Reis!

Segundo lavacro: Pôncio Pilatos, governador da Judeia em nome de Tibério, imperador de Roma, "vendo que nada conseguia (para abrandar a sanha da plebe) e que ao contrário o tumulto aumentava, mandando vir água lavou as mãos diante da multidão e declarou: sou inocente deste sangue; isso é lá convosco" (S. Mateus 27:24).

Vede agora, nesta segunda cena, a autoridade descricionária, o chefe supremo, numa região conquistada, dum rebanho vencido e deprimido, que hesita, titubeia, vacila, trepida, e porfim imita os profetas de Israel com um emblema; mas ao contrário desses profetas trovejantes e irredutíveis, dramatiza com o seu emblema a sua cobarde irresolução.

Pilatos, pobre Pilatos: tens a consciência carregada de culpas, o medo ganha-te as energias íntimas e dirige as expressões do

teu pensamento. Essa água que te lava as mãos deixa-te a alma encardida. Esse lavacro é a antítese da coragem sublime de Cristo, que desconheces. Ele te falava da Verdade, e tu, desdenhosamente, à Verdade viraste as costas...

Pois a Verdade te salvaria, enquanto o entre-acto latino que representaste com o manilúvio e a declaração pusilânime duma inocência fingida, que te queima os lábios, afunda-te ainda mais.

Pilatos, Pilatos: nem serves o Cesar, nem Roma, nem o Povo, nem o Réu sublime, nem a tua própria alma, pois te perdes para sempre.

Para sempre!

<...>

FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

Eu Te agradeço ó Criador e Senhor, por todas as alegrias que tenho experimentado nos extases em que me tem lançado a contemplação das Tuas obras. Tenho proclamado diante dos homens toda a sua grandeza.

João Kepler, célebre astrónomo vutemburguês (1571-1630).

Ó Senhor, que de todos Te amerceias, tira de mim o pecado e acende compassivamente em mim o fogo do Teu Santo Espírito. Tira-me o coração de pedra e dá-me um coração de carne, um coração para amar-Te e adorar-Te, um coração para se deleitar em Ti, para Te seguir e Te ter, por Cristo, Amem.

Santo Ambrósio (340-397).

Ó Deus, que a Tua face paternal me salve da misteriosa face das negras fatalidades! Não permitas que a minha alma se gaste contra o incompreensível, a incoerência, a brutalidade, a injustiça dos homens, e das coisas: Põe no meu coração a Tua claridade amiga, dá-me a Tua paz, não obstante o caos onde me debato: Faz-me compreender que a desordem depende do meu ponto de vista. Do meu nível tudo está confuso, mas de um nível mais alto aparece a harmonia. Salva-me da desordem do meu pensamento.

Carlos Wagner, pastor parisiense, 1899.

Se à flor, filha do sol, que à luz só vive,
A luz mandas oh Deus,
E saudoso no céu, na glória esperas;
Bom Pai, os filhos Teus;

Do mundo oh Criador, que o mundo abranges
Dentro em Tua clemência,
Ampara o lírio delicado e frágil,
Protege a inocência:

João de Deus ("Campo de Flores", Oração)

Saudade

*Fique eu contigo, ó Livro Santo
Lido por todos com fervor;
Nosso refúgio, nosso encanto,
Na escuridão divino alvor:*

*Oh! Salvador: Na soledade
Nova energia achar-nos faz.
Unge de graça esta saudade
E a nossa dor acalmarás.*

Letra de E. M., versão livre e adaptada ao canto na Igreja, do hino fúnebre composto pela mulher de Ulrico Zuinglio, quando seu marido, seu irmão e dois filhos caíram na batalha de Capell, a 11 de Outubro de 1531. Em vez de desesperar, a corajosa e talentosa Mulher cristã compôs versos repassados de fé, de esperança e de ternura.

O Dr. Leopoldo de Figueiredo compôs para estes versos a música que damos à estampa, a qual é uma interpretação bela da alma portuguesa, do sentimento da excelsa poetisa.

Lento, doloroso

Fi-que eu con- ti- go, ó li- vro San- to, li- as por

to - - - das com fer- vor Nos so re- fú- gio nosso en-

can- to, na escu ri- dão di- vi- no al- vor!

*N*ÃO esperávamos ver tão prontamente confirmado por facto subsequente e por tão legítimo representante duma grande Nação o que dissemos a respeito da criação do homem à imagem de Deus e da realização do que disse Isaias (41:6): "Cada um auxiliará o seu próximo e dirá a seu irmão: esforça-te".

Truman, em 20 de Janeiro, ao ser investido na presidência dos Estados Unidos, pronunciou um discurso em que pediu as orações de todos, afirmou a sua crença em que os homens foram criados à imagem de Deus e referiu-se ao auxílio às demais nações, "o maior programa de economia cooperativa que a História regista". Antes

A Investidura de Truman e

da cerimónia da sua investidura Truman assistiu, com sua família, a um serviço religioso na Igreja Episcopal de S. João, em frente da Casa Branca. A cerimónia foi breve e simples. O Presidente colocou a mão esquerda sobre duas Bíblias abertas — uma no capítulo das Beatitudes, outra na página do Decálogo, enquanto com a direita erguida e em voz clara proferiu a fórmula tradicional do juramento. Depois o ministro evangélico e o rabino invocaram a protecção divina para o Presidente e o arcebispo de Washington, Mons. O'Boyle, lançou a bênção.

Truman mostra-se digno sucessor de Roosevelt que, em 16 de Março de 1940, em resposta a uma mensagem da rainha Guilhermina da Holanda, afirmou que o mundo procura uma base para a paz, que não pode ser sã se esquecer Deus, e que em 14 de Junho de 1942 pronunciou para as Nações livres a seguinte oração:

"Deus dos livres: empenhamos hoje os nossos corações e vidas pela causa de toda a Humanidade. Concede-nos a vitória sobre os tiranos, que escravizariam os homens e as Nações livres! Concede-nos a fé e a compreensão para todos os que combatem pela liberdade, como se fossem nossos irmãos. Concede-nos a irmandade na esperança e na união, não só para prosseguir nesta guerra amarga mas também para os dias vindouros que devem unir todos os filhos na Terra. A nossa Terra é um astro no grande Universo, mas se nós quisermos podemos fazer dela um planeta não devastado pela guerra, não perturbado pela fome e pelo temor, não dividido pelas distinções absurdas de raças, côr ou teorias. Concede-nos a coragem e a inteligência para começar hoje essa tarefa, para que os nossos filhos possam orgulhar-se do nome de homens e verificar que o espírito humano avançou. Concede-nos sabedoria e larga

a Oração de Roosevelt

compreensão do espírito humano que sofre e suporta tão corajosamente por um objectivo que fica para além da sua breve passagem. Concede-nos a honra para os nossos que morreram na fé; honra para os nossos vivos que trabalham e caminham pela fé, redenção e segurança de todas as terras e povos cativos. Concede-nos paciência com os extraviados e piedade pelos traídos. E concede-nos engenho e coragem para depurar o mundo de opressões, e da velha e vil doutrina de que os fortes devem devorar os fracos, pelo facto de serem fortes. E acima de tudo concede-nos fraternidade, não só neste ano como em todos os anos, não de palavras, mas de actos e feitos.

Todos nós somos filhos da Terra; concedenos este conhecimento. Se os nossos irmãos estão oprimidos, estamos também oprimidos; se têm fome, também nós a temos; se lhes roubam a liberdade, também a nossa não está segura. Concedenos a fé de que o homem perceberá o pão e a paz, conhecerá a justiça, a rectidão, a liberdade, e a segurança e possibilidades iguais para todos de fazerem aquilo que melhor puderem, não só nas nossas próprias terras como em todo o Mundo. E nessa fé deixa-nos avançar para aquele mundo limpo que as nossas mãos possam construir. Amem.

J. J. Pires

N
O
L
A
R

•

(S. Paulo aos Filipenses 4:8)

ALBERTO DURER (1471-1528)
•

ENTRE os grandes artistas cristãos tem lugar à parte Alberto Durer, o pintor e gravador da Paixão. As notas que seguem desejariam fazer amar esta figura da Reforma, a nenhuma outra comparável, uma das mais maravilhosas e evocadoras.

Durer nasceu em Nuremberga a 21 de Maio de 1471. Se em pintura, sobretudo em gravura e em desenho, ele continua a ser o maior artista da Alemanha, homem completo, é igualmente um escritor. Nesse domínio deixou, todavia, uma obra menos conhecida e até desconhecida do grande público, sobretudo do que se jacta dos seus conhecimentos... Entre os seus livros deve-se assinalar um "Tratado das Proporções do Corpo Humano", um "Memorial", um

"Diário de Viagem aos Países Baixos", um "Tratado das Fortificações", etc.. Toda essa obra impressa ajuda-nos a compreender melhor a sua pintura, a sua gravura e em particular as suas ideias e preocupações, o seu génio enfim.

Numa crónica de família o artista nos notifica que o seu antepassado "Alberto Durer o Antigo nasceu no reino da Hungria, não longe duma pequena vilória chamada Jula, a oito milhas abaixo de Wardeim, numa aldeia sita muito perto, de nome Eilos; e sua família dedicava-se à criação de bois e cavalos". Estas simples informações permitem-nos apreender melhor certas manifestações do génio do artista.

Seu avô, depois duma estadia nos Países-Baixos, veio instalar-se em Nuremberga, e foi nesta cidade que o pai do nosso Alberto desposou, em 1467, Bárbara, "jovem bonita e bem feita", diz a crónica de família. Bárbara teve de Alberto pai dezoito filhos, dos quais quinze morreram de pouca idade. Alberto, o nosso pintor, o terceiro nascido, não tinha senão dois irmãos em 1524 — Endrés e Hans.

A família, modesta e laboriosa, de costumes patriarcais, distinguia-se num mundo turbulento, ruidoso e grosseiro, pela sua piedade; soube guardar, através das torpesas da idade média, os tesouros espirituais do cristianismo. Esta nota é mais que característica, é a chave da sua obra, explica as suas criações. Enfim, para melhor penetrar a atmosfera que envolve o artista, diremos ainda que quando ele nasceu a pátria sofria de males múltiplos e complexos. Saía-se dum longo período de guerras e de terrores. Tempos dolorosos, de pobreza e miséria que por toda a parte alastravam; medos terríveis e supersticiosos do ano de 1500 que se aproximava! O perigo turco chegava mesmo às portas da Europa e o

povo, mal alimentado, era por cima disso mal conduzido por maus pastores.

Nuremberga parece poder fazer excepção: era uma cidade rica, devido à abundância dos seus mercadores e dos seus bancos; e era livre, graças às suas riquezas. Além disso, na encruzilhada das estradas do norte ao sul e do oeste a leste, no centro do tráfico europeu, lançada no turbilhão das ideias e dos sentimentos que por toda a parte se querem expandir.

Está-se no fim de um mundo: a Renascença está já na Itália e vai remontar à Alemanha, trazendo o seu cortejo de fermentos de ideias, de ilusões, de esperanças e de esplendores. A imprensa, que acaba de nascer, ajudará, e muito bem, à difusão deste mundo em formação, e bem cedo a própria Reforma dará a todos um alimento e uma direcção e vidas novas. Anos febris, sublinhados pela inquietação e instabilidade de existência, necessidade imperiosa de paz, de pão e de renovação, desejos nítidos de encontrar nas fontes da vida, a nutrição que fortifica e das quais os espíritos e as almas têm míngua.

O génio de Durer, esse visionário ardente e dramático, vai dar, pela sua pintura, sobretudo pela sua gravura e seu desenho, os símbolos que, lyricamente, ilustrarão e exaltarão a alma do seu tempo. Também ele, sofrendo as dores do seu povo, procurou remédio para os males de que sofriam os espíritos e os corações. Achou-os; e magnificamente, com sumptuosidade, ousará propô-los aos seus contemporâneos.

O escultor Rodin, comentando a última obra que fez, um **Filho Pródigo**, disse: "Nós temos todos esbanjado o nosso património, a parte que nos restou, numa vida de libertinagem intelectual e moral". Durer começou por onde acabou Rodin. Um de

seus primeiros cobres é, justamente, um filho pródigo, ao qual, com perfeita humildade, ele deu os seus próprios traços. Durer nessa gravura, que é já uma obra prima (antes de 1495) apresenta o Pródigo no momento em que, de joelhos e em prece, entre os suínos, cai em si, verifica a sua miséria, a sua incapacidade de fazer o bem, quando está prestes, enfim, a voltar para seu pai e dizer-lhe: "Pai, pequei contra o céu e contra ti; não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um escravo". Em meio duma paisagem de linhas involgares, inolvidáveis, este pródigo é a imagem da humanidade humilhada e acabrunhada, caindo em si, buscando, e porfim achando em Deus, o único remédio para os seus terríveis males.

Este primeiro grande cobre de Durer é ainda revelador das suas preocupações e da sua inspiração. Desde antes da Reforma Durer é o homem da Bíblia. Desde o começo da sua carreira de artista ele "sonda as Escrituras" com tal fervor e uma tal seriedade, porque estando alguém vivendo, no sentido pleno da palavra, quererá achar as fontes da vida. Ele achou na sua Bíblia essa Palavra de Deus que nutre, essa fonte que desaltera.

Sua carreira e sua arte vão ser renovadas. Não procurará na Bíblia um assunto ou um motivo para pintar, meramente; mas a Verdade e o Perdão, a libertação, a vida enfim, tudo isso lhe será proporcionado com profusão, com brilho e magnificência. É com essas graças, essas inspirações, que ele atingirá como artista até o universal; por isso nos fala ainda hoje, nos comove, nos revela as fontes. Por isso ele é rico de tantas sugestões e duma beleza que nos empolga elevando-nos.

Desde o princípio nos foi necessário

sublinhar esta característica que, mais profunda que os meios e os processos da sua técnica, se dirá mais tarde ter-nos fornecido a própria chave da sua obra, da sua personalidade, do seu génio.

(Notas de Leão Tripet).

O CASAMENTO

(Fala uma personagem de Kierkegaard)

Se tu não tens tempo nem ocasião para passar uma dezena de anos da tua vida a percorrer o mundo, para aprender tudo o que aprende um navegador que deu a volta ao globo; se não tens a faculdade nem a ocasião de aprofundar, por uma longa experiência, línguas estrangeiras e caracteres nacionais em sua diversidade, tais como se apresentam ao sábio; se não tens a intenção de descobrir um sistema astronómico que substitua os de Copérnico e Ptolomeu—então casa-te. E se, para realizar a primeira daquelas empresas possuis o tempo; para a segunda, a capacidade; para a terceira a intenção necessária—então casa-te também: O casamento é a viagem de exploração mais importante que o homem pode fazer.

ANEDOTÁRIO

— Há tempos veio nos jornais que um ladrão arrependido, aí para uma aldeia do norte, foi de noite meter a carteira roubada por debaixo da porta do lesado. Eis um exemplo de perfeito arrependimento, pois enquanto se não devolve a carteira...

— Lutero arremessou o tinteiro ao diabo, que lhe pareceu ver nas sombras do seu gabinete, em Varteburgo. Assim dizem... Imaginemos que é verdade, e que o pobre frade que ele era então, sofrendo de tantos

ataques e seduções, ameaças e perfídias, chegou a ter a doença, tão medieval, do demonismo ou demonomania. Se assim foi curou-se e fez tremer Roma com uma coragem indómita. Mas o caso é que, se ele atirou com o tinteiro ao diabo, outros há que põem o tinteiro, mais a companheira pena, ao serviço dele...

— A esfera armilar que entrou na emblemática portuguesa como símbolo do mundo, descoberto pelos nossos navegadores, foi primeiramente, como é natural, símbolo do céu. Era a insígnia particular na pasta de estudante de D. Manuel, com a palavra SPERO inscrita na faixa zodiacal. Poderíamos ler a divisa assim: «espero no céu.» Depois se lhe mudou o sentido. Mas ainda poderemos dizer que os melhores Portugueses descobriram o mundo olhando para o Céu.

CAMARADAGEM

Registamos com sincera gratidão as gentilíssimas palavras de saudação que nos foram endereçadas pelo respeitável colega da imprensa cristã, de vinte e nove anos de idade, "Portugal Evangélico", devido à pena aparada de **Ignotus**, e igualmente as do jovem colega "União Baptista", que não menos gentil quis ser. Bem assim agradecemos as referências do "Semeador Baptista", do "Sempre Pronto" e do "Novas de Alegria". Da imprensa diária saudou com generosidade, que também nos cativou, o nosso aparecimento, "Diário de Notícias". Também o "Comércio de Gaia". Estabeleceram permuta connosco "Luz e Caridade", de Braga, "Raio de Sol" do Porto, "Sempre Pronto", de Lisboa, e "World Christian Education", de Nova Iorque, e enviaram-nos boas palavras de animação os nossos amigos Rev. João Jorge de Oliveira, Kenneth G. Grubb, Dr. Luiz Rodrigues Pereira, António Alvaro Dória, Rev. Padre J. Alves Correia, Rev. Eurico de Figueiredo, Dr. Samuel S. Rizzo e Guilherme da Silva Arrôs, cujo recente falecimento muito sentimos.

AMIGOS DE "ECCLESIA"

Tivemos a dolorosa surpresa da partida deste mundo, em meados de fevereiro, para um outro mundo infinitamente melhor, da "Amiga de ECCLESIA" D. Maria do Carmo Namorado de Aguiar. Consola-nos recordar o prazer com que a ilustre senhora releu o nosso primeiro número nos últimos dias da sua vida terrena.

cont. da pag. 1

Primavera e Páscoa

Ressuscitou! Aleluia!
Que há para se Lhe comparar?
Ouçamos o nosso Épico:

"Doctos varões darão razões subidas;
"Mas são as exp'riências mais provadas:
"E portanto é melhor ter muita visto.

"Cousas ha hi que passam sem ser cridas:
"E cousas cridas há sem ser passadas;
"Mas o melhor de tudo é crer em Cristo".

(Soneto 105)

Eis como a alegria surge da angústia, o rebento vivo se nutre da manta morta da floresta, a pura fé revive da tragédia do Gólgota. Num monte de desilusões viceja Aquele em que vale a pena crer, Aquele que é uma primavera eterna.

Há uma sequência medieval da Páscoa que foi assim vertida do latim litúrgico:

"Todas as coisas acompanham com alegria a ressurreição de Cristo. As flores, as searas remoçam, ostentando os frutos nascentes; e as avezinhas, arredada a neve triste, cantam jubilosamente. O sol e a lua brilham mais depois da morte de Jesus. E a terra que, tremente, esteve a pontos de ruir com a Sua morte, agora, reverdecida festeja a ressurreição de Cristo".

Esta formosa tradução é acompanhada pelo tradutor, o professor ilustre Dr. M. Rodrigues Lapa, com o seguinte comentário ("Lições de Literatura Portuguesa, Época Medieval", 2.^a ed. 1943, p. 61): "A exortação à alegria, ao **paschale gaudium**, invade naturalmente a hinologia da Páscoa e — caso curioso — é sobretudo evidente nos tropários de S. Miguel de Limoges. Temos pois que, segundo todas as probabilidades, o conceito de **joí**, importantíssimo, porque é a essência mística do lirismo trovadoresco, não é mais que a transposição secular do **gaudium** litúrgico".

Nós não iremos entrar na discussão da origem da poesia trovadoresca; mas não temos receio em avançar que a poesia litúrgica adoçou e até por vezes ungiu de graça a rude poesia folclórica. A alegria pagã da natureza em festa só teve a lucrar com a alegria dos salvos que contemplam uma nova criação. Porque — "... o melhor de tudo é crer em Cristo".

FORUM

Notícias oficiais do
Colendo Sinodo Gerat

1.º — Com grande tristeza registamos a infausta notícia do falecimento repentino em Londres, no Domingo, 30 de Janeiro findo, do Revdo. Canon F. Bate, D. D., consagra-díssimo secretário honorário da Sociedade Auxiliadora das Igrejas Lusitana e Espanhola Reformada.

Figura de merecido relêvo, pela sua inteligente e dinâmica actividade dentro da Igreja Anglicana, de cujo alto clero fazia parte, e de grande prestígio intelectual em Inglaterra, era também um valioso e grande Amigo das Igrejas Episcopais e seus ministros na Península Ibérica, sempre interessado no conhecimento dos trabalhos das mesmas, em todos os seus pormenores espirituais e eclesiásticos.

Tinha esperanças de voltar a estar entre nós este ano, acompanhando o Revmo. Senhor Arcebispo de Armagh e Primaz de toda a Irlanda, quando da esperada e próxima visita deste venerando prelado, para ordenações.

Com as nossas bem sinceras homenagens à memória do Revdo. Canon Bate, apresentamos a sua Exma. Família e aos seus respeitáveis Colegas no Comité da Sociedade Auxiliadora, os sentimentos do nosso muito e justificado pesar.

2.º — Como já acima se menciona, é esperada de novo a visita, em fins de Abril próximo, do Revdo. Senhor Arcebispo de Armagh e Primaz de toda a Irlanda, para celebrar o Rito da Confirmação e ordenar Diáconos e Presbíteros da Igreja Lusitana no Sul e no Norte.

Antes dessa visita episcopal reunirá, em Lisboa, a Comissão Permanente do Sinodo, para tratar de assuntos internos da Igreja.

3.º — O Fundo de Publicações do Sinodo editou e já poz à venda dois catecismos da autoria do Presbítero Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior, destinado à instrução religiosa de catecúmenos e outro para a dos alunos das escolas primárias e dominicais. Lembra-se aos Ministros da Igreja para fazerem as imediatas requisições destes catecismos.

Dentro de poucos dias será publicado também, pelo referido Fundo, "O Esboço Histórico da Igreja Lusitana", livro de muito e justificado merecimento para todos os membros desta Igreja, pelo seu valor histórico, inteligentemente escrito pelo Rev. Eduardo Moreira.

4.º — Depois de um estágio de alguns meses, em preparação teológica no St. John's College, em Lingfield-Surrey, secção do Colégio Teológico de Londres, regressou a Portugal, o Rev. Dr. Daniel S. de Pina Cabral, Diácono da Igreja Lusitana e ministro-coadjutor da Igreja de João Evangelista, em Vila Nova de Gaia. O Dr. Pina Cabral, antes de retomar a sua actividade eclesiástica, teve de apresentar-se numa unidade militar, afim de completar a Escola de Oficiais Milicianos a que está sujeito.

5.º — Com jurí constituído por cinco ministros da Igreja Lusitana, prestou provas de cultura geral e teológica, o Evangelista sr. Vidal Vieira dos Santos, afim de poder ser proposto à instituição de Diácono da referida Igreja. Teve boa classificação.

O Livro e os Livros

"Bailes de Caridade", de Freire Teixeira, é um volume cheio de cristianismo sadio, de bons propósitos, de santa revolta, de delicada discrição, de imaginação viva na narrativa que nos prende e nas descrições de vivo colorido. A prosa perfeita não desmerece da do prefácio, do malgrado Padre Manuel Alves Correia. Estamos muito gratos pelo exemplar recebido; e esperamos que o Autor nos dê ainda muito mais.